

João Lopes, 2004
LONGE DA MULTIDÃO



«Quando é que uma imagem se pode aproximar de outra? Ou melhor: que efeito de *montagem* acontece sempre que aproximamos duas imagens?

Sabemos como, na maior parte dos casos, a informação televisiva responde a estas interrogações. Fá-lo em nome da suposta *naturalidade* e, mais do que isso, da ilusória *neutralidade* dos seus processos narrativos – em televisão, quase sempre, duas imagens ligam-se... *porque sim*.

Mas (e este é um gigantesco *mas*...): e se duas imagens se ligarem, não porque ilustram um sentido unívoco e universal, mas precisamente o contrário? Ou seja: qualquer ligação dessas imagens remete para um olhar (mesmo não identificado), para uma subjectividade (mesmo incognoscível) e para um ponto de vista (mesmo de um sujeito indeterminado). Conhecer o mundo talvez seja participar dessa esplendorosa instabilidade.

Era disso que se tratava na exposição “Casa Desabitada”, de Ana Vieira, recentemente apresentada pelos Artistas Unidos (num prédio vazio da Rua Ivens, em Lisboa). Exposição? Provavelmente, a palavra mais correcta seria *instalação*. Mas, ainda assim, insuficiente. Isto porque não é todos os dias que alguém arrisca dispensar o alarido e os êxtases da mais corrente figura de retórica mediática – a multidão –, optando por colocar em cena uma solidão incontornável. Solidão de quem? Pois bem, provavelmente do próprio visitante desta insólita *exposição-instalação-casa-desabitada*.

Na prática, tínhamos a casa quase fechada ao nosso olhar intruso. E este *quase* estava longe de ser indiferente. Isto porque nos podíamos aproximar de várias portas entreabertas, para lá dentro vislumbrarmos, sempre reflectidas em espelhos, imagens variadas: um ecrã de televisão (com um concurso de danças de salão), uma mulher a vestir-se, um homem a dispor pratos e talheres numa mesa, alguém a cozinhar... Entretanto, a instalação sonora dava-nos os “ambientes” e, sobretudo, trazia-nos o diálogo de uma violenta discussão caseira – era algo que não víamos, isto é, *algo para o qual não tínhamos imagem*.

Daí o duplo e fascinante desequilíbrio para o qual “Casa Desabitada” nos convocava: por um lado, imagem e som existiam numa complementaridade perversa em que nunca um desses elementos anulava o outro numa mera redundância ilustrativa;

por outro lado, tudo se passava como se nós, espectadores, *estivéssemos a mais*. Ou ainda: sentíamos que, ao percorrer aquelas salas, ao olhar e escutar, estávamos a violar a complexidade do real, ainda que inadvertidamente, a transfigurá-lo. Mesmo invisível, a sombra enorme de Alfred Hitchcock sentia-se a percorrer os corredores da casa de Ana Vieira. Não foi ele o cineasta que nos ensinou que uma imagem é sempre uma máscara da objectividade? De *O Homem que Sabia Demais* a *Psico*, passando por *Rebecca*, *Janela Indiscreta* ou *Vertigo*, foi com ele que acedemos a um mistério que as televisões, na sua persistente fúria “naturalista”, tornaram impopular: o de que qualquer imagem é *tendencialmente* subjectiva – grande questão política, *hélas!*

Daí que vos peça alguma tolerância para a modesta ousadia desta página, ligando o cartaz de “Casa Desabitada” a uma imagem de Anny Ondra, em *Blackmail* (1929), de Hitchcock. Dir-se-ia que, no meio dos ruídos das salas desertas da casa da Rua Ivens, talvez fosse ela que por lá deambulasse. E no medo dela talvez seja possível ler a libertação do nosso olhar. Em todo o caso, cuidado com a faca.»

DN, 12-06-2004, p. 51

Catálogo Ana Vieira: Muros de Abrigo / Shelter Walls; Ponta Delgada [Açores], Museu Carlos Machado, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p. 205 (org. Paulo Pires do Vale)
